

**Sacrificio radical**

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Funcia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

Terry Eagleton

# Sacrifício radical

Tradução  
Fernando Santos



Título original: *Radical Sacrifice*

© 2018 by Terry Eagleton

Originalmente publicado pela Yale University Press

© 2026 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

<https://editoraunesp.com.br>

[www.livrariaunesp.com.br](http://www.livrariaunesp.com.br)

[atendimento.editora@unesp.br](mailto:atendimento.editora@unesp.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

E11s      Eagleton, Terry

Sacrifício radical / Terry Eagleton; traduzido por Fernando Santos.  
– São Paulo: Editora Unesp, 2026.

Tradução de: *Radical Sacrifice*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-317-2

1. Filosofia. 2. História da filosofia. 3. História da religião. 4. Cultura política. 5. Crítica literária. I. Santos, Fernando. II. Título.

2025-5591

CDD 100

CDU 1

---

Editora afiliada:

  
Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe

  
Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

Para as irmãs carmelitas do  
convento de Thicket



Quando alguém acolhe livremente os símbolos da morte, ou a própria morte... podemos esperar na sequência uma grande liberação de energia benéfica.

Mary Douglas, *Pureza e perigo* (1966)



## Sumário

Prefácio 11

1. Sacrifício radical 13
2. Tragédia e crucificação 43
3. Martírio e mortalidade 73
4. Troca e excesso 121
5. Reis e mendigos 155

Referências 193

Índice remissivo 205



## Prefácio

Os capítulos deste livro fazem parte de um projeto mais amplo, um projeto que gira em torno de um conjunto de ideias que parecem ter se tornado fundamentais em minha obra mais recente: morte, tragédia, sacrifício, privação e coisas do tipo. Para os leitores que possam achar esses conceitos demasiado melancólicos, devo acrescentar que há também diversos estudos acerca da renovação, da transformação e da revolução, que eu considero a outra face das concepções mais sombrias que acabei de enumerar.

Portanto, como algumas de minhas obras recentes, esta reflete sobre questões que não costumam ser investigadas pela esquerda política, e certamente não por sua ala pós-moderna. Amor, morte, sofrimento, sacrifício, mal, martírio, perdão etc. não são exatamente preocupações que estão em voga entre os teóricos da cultura ou da política. No geral, elas são objetos de interesse dos teólogos; e se eu mesmo não assumo a postura de desprezo em relação à teologia que se costuma encontrar entre os esquerdistas, é porque, por um capricho na minha criação, conheço um pouco sobre ela. De todo modo, conheço o bastante para me convencer de que grande parte

das opiniões seculares acerca das linhagens judaicas e cristãs são tão grosseiramente preconceituosas e incrivelmente mal informadas como aquelas, digamos, para as quais o socialismo se reduz apenas ao gulag ou o feminismo é a consequência desastrosa de as mulheres terem mandado às favas o recato e o decoro que lhes são próprios. Portanto, um dos objetivos mais polêmicos deste livro, embora ele permaneça em grande medida implícito, é revelar a lamentável natureza caricatural de algumas dessas posturas. Quando se trata de teologia, mesmo o pensador secular mais perspicaz corre o risco de acabar se enredando em lugares-comuns deprimentes e equívocos ridículos.

Na verdade, não é mais estranho alguém como eu, em dívida com o legado marxista, demonstrar interesse pela teologia do que um liberal ou social-democrata demonstrar interesse por Stendhal ou Flaubert. Isso porque o marxismo é uma teoria e uma prática da mudança histórica, não uma visão da existência humana, e, como tal, não pretende ter nada particularmente interessante a dizer a respeito do mal ou da mortalidade, do sofrimento ou do perdão, da ruptura trágica ou da natureza do niilismo. Para essas questões, nossa tendência é recorrer a Dostoiévski ou São Paulo, Shakespeare ou Sebald.

Agradeço a minha editora de texto, Charlotte Chapman, pelo trabalho excepcionalmente eficaz e meticuloso, que preservou os padrões extremamente elevados de minha antiga editora da Yale, a erudita e perspicaz Jenny Robert. Também sou profundamente grato a Timothy Radcliffe OP,\* que dedicou ao livro uma leitura primorosamente minuciosa e fez diversos comentários esclarecedores sobre ele. Também agradeço a Sam Dunnett, que se mostrou um excelente assistente de pesquisa.

---

\* “OP” refere-se à Ordem dos Pregadores. (N. T.)

## Capítulo 1 Sacrifício radical

O sacrifício não se tornou a ideia mais glamourosa da era moderna: ele nos faz lembrar a autodepreciação e a abnegação punitiva. É o que as esposas resignadas fazem por seus maridos prepotentes, as servas por suas senhoras mimadas, as enfermeiras e os metalúrgicos para o bem da economia e as tropas de assalto pela Mãe-Pátria. Uma mãe exausta no romance *O leite da mãe*, de Edward St. Aubyn, com a vida em pedaços e os desejos insatisfeitos, fala da “tirania do altruísmo”. O conceito está impregnado de masoquismo, ódio de si e uma antipatia mórbida por aquilo que constitui a vida. Ele começa como tentativa de aplacar um Deus cruel e culmina no toque de clarim da Mãe-Pátria fascista, com seus rituais e cerimônias necrófilos de autossacrifício. J. M. Coetzee escreve em *Vida e época de Michael K* como uma pessoa pode ser simplesmente “mais um tijolo na pirâmide de sacrifício que alguém acabaria escalando e em cujo topo ficaria montado, urrando e batendo no peito, e se proclamando soberano de tudo aquilo que pudesse avistar”. G. W. F. Hegel, um pensador que às vezes consideramos, erroneamente, ter uma visão otimista da condição humana, escreve: “Mesmo considerando que

a história é o altar no qual a felicidade das nações, a sabedoria dos Estados e a virtude dos indivíduos foram sacrificadas, surge necessariamente uma pergunta em nossos pensamentos: com que objetivo esses sacrifícios monstruosos foram feitos?”<sup>1</sup>

Para o bom senso progressista, autorrealização e autopriveção são coisas basicamente conflitantes, o que não acontece com uma visão mais radical. É preciso ter uma visão extremamente indulgente da humanidade, como é o caso de muitos progressistas, para supor que o eu pode se afirmar sem a ruptura e reestruturação fundamentais das quais o sacrifício tem sido um sinal tradicional. Seria o mesmo que afirmar que as formas de vida política que nos rodeiam poderiam evoluir para um estado de justiça sem nenhum grau perceptível de turbulência. Quem opõe o sacrifício à reciprocidade do amor se esquece de que qualquer versão duradoura deste último envolve a abnegação típica do primeiro. Aliás, existe uma espécie de amor sacrificial que envolve agredir violentamente o eu. O difícil é recusar essa ideologia mórbida enquanto admitimos, a exemplo de Hegel, que, num sentido mais produtivo do termo, a estrutura interna do amor é, de todo modo, sacrificial; embora estejamos falando, mais uma vez, da abnegação recíproca, não da capitulação abjeta de um parceiro ao domínio do outro. Como diz um comentário, “o sacrifício e a renúncia não são um objetivo em si mesmos, mas a essência do esquecimento do próprio [eu] no amor pelo outro”.<sup>2</sup> “Esquecimento” é uma afirmação questionável, já que o amor enriquece o eu no próprio ato em que o tira do centro. Ainda assim, ele fornece uma correção útil à visão moderna de que o sacrifício é, inevitavelmente, uma forma de automutilação.

Essa ortodoxia tem sido praticamente unânime no repúdio ao conceito de sacrifício como algo primitivo e retrógrado. Na esteira de Thomas Hobbes, para quem o dever moral máximo é a

---

1 Apud Gellrich, *Tragedy and Theory*, p.37.

2 Ferreira, *Love's Grateful Striving*, p.153.

autopreservação, Ronald Dworkin afirma que nossa responsabilidade pelos outros não pode chegar ao autossacrifício excessivo, já que nosso principal compromisso é com a própria vida. É um tipo de ética bem adequado aos subúrbios de classe média. Na verdade, existe na visão de Dworkin um dever moral de vir em socorro dos outros, mas somente se as dificuldades que eles enfrentam forem severas, o custo da ajuda for razoável e aqueles que precisam dessa ajuda dependerem especificamente de você para fornecê-la.<sup>3</sup> Com o mesmo espírito, John Rawls se opõe à ideia de sacrifício por um bem maior, negando que uma perda de liberdade para alguns possa ser justificada pelo bem-estar de muitos.<sup>4</sup> Jürgen Habermas afirma que “a moral racional chancela a abolição do sacrifício”, tendo em mente, certamente, bodes imolados e não os mortos da Resistência francesa.<sup>5</sup> É impressionante que, quando o termo “sacrifício” entra na discussão, o espírito liberal moderno se volta espontaneamente para questões como servidão doméstica ou morte pela causa da glória militar, em vez da carreira de Constance Markievicz ou a morte de Malcolm X.

Em nenhum lugar a desconfiança que a era moderna tem do sacrifício é mais evidente que em sua compreensão precária do conceito. De modo geral, ele passou a significar a renúncia voluntária de algo considerado valioso. Porém, a renúncia é apenas uma das características do sacrifício, e nem sempre a mais importante. É verdade que, na prática, ela pode desempenhar um papel significativo. No estudo clássico *Primitive Culture* [Cultura primitiva], o antropólogo vitoriano Edward Burnett Tylor afirma que uma oferenda sacrificial não é valorizada pelos deuses por si só, mas como um símbolo da entrega de algo precioso pelo fiel. A oferta tem de fazer parte da sua própria essência, de modo que abrir mão dela exija certo preço.<sup>6</sup>

---

3 Ver Dworkin, *Justice for Hedgehogs*.

4 Rawls, *A Theory of Justice*, p.3-4.

5 Habermas, *Justification and Application*, p.34.

6 Ver Tylor, *Primitive Culture*, v.2, cap.18.

No entanto, não é evidente que o sacrifício ritual trate sobretudo de autoprivação. Podemos matar de forma sacrificial um bezerro cevado não para nos privarmos do nosso animal premiado, mas para render aos deuses a homenagem mais requintada que estiver ao nosso alcance. O sacrifício não pode ser reduzido à renúncia de si. O termo é ricamente estratificado; a tal ponto, na verdade, que um famoso pesquisador francês pôs em dúvida se ele realmente significa alguma coisa.<sup>7</sup> David Janzen é outro que questiona a possibilidade de uma teoria geral do sacrifício, insistindo no quanto o significado da instituição muda de um contexto cultural para outro (aliás, de um livro da Bíblia hebraica para outro) e censurando René Girard, decano da teoria do sacrifício, por ignorar esse ponto essencial.<sup>8</sup>

O antigo Israel tinha nomes para as diferentes formas de sacrifício, mas não para a instituição enquanto tal. Não existe uma essência perceptível no costume, que, desde o início dos tempos, tem desempenhado grande variedade de funções. Ele pode ser qualquer coisa, desde uma forma de suborno<sup>9</sup> celeste (“Eu lhe dou isto se você me der aquilo”) até o gesto do martírio, no qual alguém oferta a própria morte a outras pessoas. O sacrifício é um termo politético, abrangendo uma série de atividades que não precisam ter alguma característica comum. Ele foi conhecido, em diferentes épocas, como presente, tributo, pacto, prece, troca, gratidão, reparação, adoração, bajulação, celebração, restituição, expiação, santificação, propiciação, comunhão, confraternização, purificação e perdão de dívida. Ele pode envolver uma morte redentora, uma purgação do mal, uma recusa da morte,<sup>10</sup> um diálogo com a divindade, uma restauração da ordem cósmica ou um investimento prudente para assegurar

---

7 Detienne, *Culinary Practices and the Spirit of Sacrifice*. In: Detienne; Vernant (org.), *The Cuisine of Sacrifice among the Greeks*.

8 Ver Janzen, *The Social Meanings of Sacrifice in the Hebrew Bible*, p.3.

9 Nigel Davies, *Human Sacrifice in History and Today*, p.24.

10 Ver Gavin Flood, *Sacrifice as Refusal*. In: Meszaros; Zachhuber (org.), *Sacrifice and Modern Thought*.

um retorno lucrativo. Há aqueles que o têm considerado um ritual de passagem ou de fortalecimento do poder patriarcal, ao passo que outros descobriram nele uma fonte de coesão social, uma liberação de energias vitais, uma elaboração ritual da culpa ou do trauma, ou uma espécie de luto. Giorgio Agamben o considera um modo de fornecer uma origem e um fundamento a uma vida social desenraizada.<sup>11</sup> *Homo necans*, de Walter Burkert, o trata, entre outras coisas, como uma forma de propiciação ritual para o abate de animais.<sup>12</sup> A prática também tem sido considerada uma tentativa de obter a atenção dos deuses, um gesto de obediência à lei moral ou ao código social, ou um símbolo de pertencimento de alguém à nação. Se alguns pensadores vislumbram nesses rituais uma tentativa de aproximar os deuses, outros veem neles um esforço para afastá-los.

Para o pensamento psicanalítico, é por meio da autorrepressão sacrificial que o sujeito passa a existir, trocando sua *jouissance*\* por certa autonomia frágil; porém, o sacrifício também pode ser considerado uma maneira ardilosa de robustecer o eu desvalorizando-o, como Max Horkheimer e Theodor Adorno afirmam em *Dialética do esclarecimento*.<sup>13</sup> Eles argumentam que a humanidade pode exercer o controle do mundo de uma maneira ainda mais eficaz destruindo sua própria natureza interior. Entre outras coisas, Horkheimer e Adorno consideram o sacrifício ritual uma manobra hipócrita para bajular e ludibriar os habitantes do Olimpo. Ele também pode servir como forma de reparação por nosso traiçoeiro abandono da Natureza, que é a precondição da subjetividade humana. Em *Introdução à leitura de Hegel*,

---

11 Ver Agamben, *Language and Death*, p.105. S. W. Sykes sustenta um argumento semelhante em seu ensaio “Sacrifice in the New Testament and Christian Theology”, em Bourdillon; Fortes (org.), *Sacrifice*, p.61.

12 Para uma análise absorvente e profundamente sugestiva, ver também Hénaff, *The Price of Truth*.

\* Termo da psicanálise lacaniana comumente traduzido como “gozo”. Em francês no original. (N. E.)

13 Horkheimer; Adorno, *Dialectic of Enlightenment*.

Alexandre Kojève interpreta o filósofo como se este argumentasse que o ser humano sacrificará tudo, arriscará tudo, apostará sua própria vida pelo *summum bonum* do reconhecimento.<sup>14</sup> Aliás, para Hegel, a subjetividade é, ela própria, uma forma de sacrifício, já que aceder ao significado é abandonar o ser, ou, nas palavras de Lacan, o símbolo é a morte da coisa. Quando a realidade é exprimida, retalhada num jogo de diferenças, jamais conseguimos recuperar aquela plenitude sensorial que usufruímos, ou pelo menos imaginamos que usufruímos, antes do advento do significante. Ao mesmo tempo, Hegel se recusa, ao longo de toda a sua obra, a considerar o sacrifício em termos de expiação, enxergando-o, em vez disso, como gesto de amor e gratidão.

Em *Nuer Religion*, E. E. Evans-Pritchard se refere ao sacrifício em termos de aquisição, indenização, homenagem, presente, abnegação, expulsão, resgate, eliminação, barganha, troca, comunhão, absolvição e renascimento. Parece improvável que essas funções extremamente diferentes possam ser reunidas numa única teoria.<sup>15</sup> Kathryn McClymond recorda que a morte não é de modo algum indispensável para a cerimônia: as oferendas sacrificiais podem ser líquidas e vegetais, assim como animais.<sup>16</sup> No Livro do Gênesis, Caim escolhe as primeiras, enquanto Abel opta pelas últimas. Roger Beckwith ressalta que a ideia de sacrifício no Evangelho cristão abrange diversas atividades (louvor, ação de graças, prece, testemunho, reconciliação, dedicação a Deus e coisas do gênero) que normalmente nós não incluiríamos nessa rubrica.<sup>17</sup> Para as Escrituras hebraicas, até mesmo a leitura da Torá pode ser um ato de sacrifício.

Tylor, como vimos, está convencido de que o sacrifício trata, acima de tudo, do oferecimento de presentes a seres celestiais. Em

---

14 Kojève, *Introduction to the Reading of Hegel*, p.19

15 Bruce Chilton argumenta contra essa teoria universal em “The Hungry Knife: Towards a Sense of Sacrifice”, em Carroll R.; Clines; Davies (org.), *The Bible in Human Society*.

16 McClymond, *Beyond Sacred Violence*, p.28.

17 Beckwith; Selman (org.), *Sacrifice in the Bible*, p.138.

primeiro lugar, ele afirma, acredita-se que os deuses valorizam essas oferendas por aquilo que elas são em si mesmas; em seguida, elas passam a ser compreendidas em termos simbólicos, como atos de homenagem e devoção; e, finalmente, considera-se que seu valor repousa na autonegação do doador. Portanto, a ênfase passa dos presentes para os doadores, da satisfação dos deuses para a condição espiritual dos comprometidos em promover essa satisfação. William Robertson Smith, por sua vez, considera o sacrifício uma forma de festa comunitária, que fortalece profundamente os vínculos sociais. Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant defendem o mesmo argumento em *The Cuisine of Sacrifice among the Greeks* [A culinária do sacrifício entre os gregos]. Em *O ramo de ouro*, James George Frazer prefere ressaltar a morte do sacerdote ou do rei. Em seu clássico *Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício*, Henri Hubert e Marcel Mauss consideram que o sacrifício é, sobretudo, uma mediação entre os domínios do sagrado e do profano.

As oferendas sacrificiais são tão variadas como a própria instituição. A exemplo da pulsão freudiana, o impulso para o sacrifício parece (no sentido fenomenológico do termo) não intencional, indiferente à natureza de seu objeto. Edmund Leach recorda que, para fins de sacrifício, os Nuer às vezes substituem os bois por pepino silvestre.<sup>18</sup> Uma ovelha pode ser tão boa quanto um homem para obter a graça divina. Falar em tal substituição metafórica é lembrar que existe uma semiótica do sacrifício, na qual a oferenda como símbolo de comunicação pode ser totalmente arbitrária ou imotivada, ou na qual a relação entre significante e significado, doador e oferenda, é emblemática, como quando a impecabilidade da oferenda é interpretada como significando a inocência do doador. Também existem oferendas que, a exemplo do signo poético, podem ser particularmente comunicativas justamente porque são ricas em valor intrínseco. Uma dádiva pode ser metonímica, no sentido de substituir o resto dos

---

18 Leach, *Culture and Communication*, p.84.

recursos materiais de alguém, ou metafórica, como no caso da substituição de animais por seres humanos. Há quem considere que um conflito sobre a semiótica do sacrifício está por trás da briga desencadeada por Jesus a propósito dos mercadores no templo, uma discussão que bem pode ter conduzido diretamente à sua execução.<sup>19</sup>

A versão mais interessante de sacrifício diz respeito à expansão do eu, não à sua extinção. Ela envolve uma formidável liberação de energia, uma transformação do ser humano e um trânsito turbulento da morte para uma nova vida.<sup>20</sup> Se o sacrifício é um ato político, isso se deve em grande parte ao fato de ele dizer respeito à ascensão ao poder. Como observa um comentarista, “quase todo sacrifício tem a ver com poder, ou poderes”.<sup>21</sup> Na verdade, o ritual diz respeito à perda e ao desperdício, mas em nome de uma forma mais produtiva de vida. Juliana de Norwich o vê nos termos do parto, no qual a dor é um prenúncio da alegria. Se o sacrifício envolve renunciar a algo, é para possuí-lo mais profundamente. Como observam Hubert e Mauss, “não existe sacrifício que não incorpore uma ideia de redenção”.<sup>22</sup> É verdade que a instituição tem uma série de características retrógradas, como seus críticos se esforçaram em ressaltar. Como veremos, ela tem sido, na maioria das vezes, uma prática profundamente conservadora. No entanto, existe um miolo radical a ser extraído da sua exterioridade mística. O sacrifício diz respeito à passagem de algo modesto e desinteressante da fragilidade para a força. Ele assinala um movimento que vai da vitimização para a humanidade plena, da miséria para a riqueza, do mundo que conhecemos para uma esfera transfigurada. É esse ritual de passagem disruptivo que é conhecido, entre outras coisas, como consagração. Tornar um

---

19 Para uma descrição do caso, ver Bruce Chilton, *The Temple of Jesus*, cap.6. Para a semiótica das oferendas, ver Goux, Seneca against Derrida: Gift and Alterity. In: Wyschogrod et al. (org.), *The Enigma of Gift and Sacrifice*.

20 Ver Kilpatrick, *The Eucharist in Bible and Liturgy*, esp. Conferência 4.

21 Beatie, *On Understanding Sacrifice*. In: Bourdillon e Fortes (org.), *Sacrifice*, p.37.

22 Hubert; Mauss, *Sacrifice*, p.99.